

Covid-19 e jovens LGBT+: Isolamento social e uso de aplicativos de encontros

Covid-19 and LGBT+ young people: Social isolation and use of dating apps

Covid-19 y jóvenes LGBT+: Aislamiento social y uso de aplicaciones de encuentros

Covid-19 et jeunes LGBT+ : Isolement social et utilisation des applications de rencontres

 10.5020/23590777.rs.v24i1.e13543

Mozer de Miranda Ramos  

Doutor e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduado em Psicologia. Professor de Psicologia, psicólogo clínico e social.

Elder Cerqueira-Santos  

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estágio na Universidade de Nebraska, EUA. Pós-Doutorado na Universidade de Toronto, Canadá. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe.

Rodrigo de Oliveira Machado  

Psicólogo e Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). . Doutor pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Pós-doutorado pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Gustavo Figueiredo Passos  

Médico e Técnico em redes de computadores pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe.

Resumo

Os jovens LGBT+ são especialmente vulneráveis a distress. O objetivo deste estudo foi investigar a relação entre a percepção do isolamento social pela pandemia de Covid-19 e o uso de aplicativos de encontros por jovens LGBT+. Também objetivou compreender os fatores relacionados ao uso dessas plataformas e à percepção dos jovens LGBT+ sobre o isolamento social. Uma pesquisa online foi realizada no Brasil com 816 jovens LGBT+ com idades entre 18 e 32 anos. Um questionário, proposto pelos autores, foi usado para medir o impacto da pandemia da Covid-19 em suas vidas, a percepção de isolamento social e o uso de aplicativos de encontros e outras plataformas relacionadas. Os jovens LGBT+ sentem-se afetados emocionalmente pelo isolamento social e há evidências de um desconforto familiar significativo em relação à sua identidade LGBT+. O uso de aplicativos de namoro não se associou a maior quebra do isolamento social, seu uso foi fortemente caracterizado como mecanismo de interação social. O estudo apontou especificidades do isolamento social para jovens LGBT+, principalmente relacionadas à sua saúde mental. Além disso, os aplicativos de namoro foram apresentados como uma ferramenta de enfrentamento e interação social.

Palavras-chave: minorias de gênero, Covid-19, jovens, aplicativos de encontro, isolamento social

Abstract

LGBT+ young people are especially vulnerable to distress. The objective of this study was to investigate the relationship between the perception of social isolation due to the COVID-19 pandemic and the use of dating apps by LGBT+ young people. It also aimed to understand the factors related to the use of these platforms and the perception of LGBT+ young people about social isolation. An online survey was carried out in Brazil with 816 LGBT+ young people aged between 18 and 32 years old. A questionnaire proposed by the authors was used to measure the impact of the COVID-19 pandemic on their lives, the perception of social isolation, and the use of dating apps and other related platforms. LGBT+ young people feel emotionally affected by social isolation, and there is evidence of significant

family discomfort regarding their LGBT+ identity. The use of dating apps was not associated with a higher break in social isolation; their use was strongly characterized as a mechanism of social interaction. The study highlighted specificities of social isolation for LGBT+ young people, mainly related to their mental health. Furthermore, dating apps were presented as a tool for coping and social interaction.

Keywords: gender minorities, Covid-19, young people, dating apps, social isolation

Resumen

Los jóvenes LGBT+ son especialmente vulnerables emocionalmente. El objetivo de este estudio fue investigar la relación entre la percepción del aislamiento social por la pandemia de Covid-19 y el uso de aplicaciones de encuentros por jóvenes LGBT+. También objetivó comprender los factores relacionados al uso de estas plataformas y a la percepción de los jóvenes LGBT+ sobre el aislamiento social. Una investigación en línea fue realizada en Brasil con 816 jóvenes LGBT+ con edades entre 18 y 32 años. Un cuestionario, propuesto por los autores, fue utilizado para medir el impacto de la pandemia de Covid-19 en sus vidas, la percepción de aislamiento social y el uso de aplicaciones de encuentros y otras plataformas relacionadas. Los jóvenes LGBT+ se sienten afectados emocionalmente por el aislamiento social y hay evidencias de una incomodidad familiar significativa con relación a su identidad LGBT+. El uso de aplicaciones de citas en línea no se asoció a la mayor ruptura del aislamiento social, su uso fue fuertemente caracterizado como mecanismo de interacción social. El estudio indicó especificidades del aislamiento social para jóvenes LGBT+, principalmente relacionadas a la salud mental. Además de esto, las aplicaciones de citas en línea fueron presentados como una herramienta de enfrentamiento e interacción social.

Palabras-clave: minorías de género, Covid-19, jóvenes, aplicaciones de encuentro, aislamiento social

Resumé

Les jeunes LGBT+ sont particulièrement vulnérables à la détresse. Le but de cette étude était d'étudier la relation entre la perception de l'isolement social par la pandémie de Covid-19 et l'utilisation des applications de rencontres par les jeunes LGBT+. Il visait également à comprendre les facteurs liés à l'utilisation de ces plateformes et la perception des jeunes LGBT+ sur l'isolement social. Une enquête en ligne a été menée au Brésil auprès de 816 jeunes LGBT+ âgés de 18 à 32 ans. Un questionnaire, proposé par les auteurs, a été utilisé pour mesurer l'impact de la pandémie de Covid-19 dans leur vie, la perception de l'isolement social et l'utilisation d'applications de rencontres et d'autres plateformes connexes. Les jeunes LGBT+ se sentent émotionnellement affectés par l'isolement social et il existe des preuves d'un inconfort familial important concernant leur identité LGBT+. L'utilisation d'applications de rencontres n'était pas associée à la plus grande rupture de l'isolement social, son utilisation était fortement caractérisée comme un mécanisme d'interaction sociale. L'étude a mis en évidence les spécificités de l'isolement social des jeunes LGBT+, principalement liées à leur santé mentale. De plus, les applications de rencontres ont été présentées comme un outil d'adaptation et d'interaction sociale.

Mots-clés : minorités de genre, covid-19, jeunesse, applications de rencontres, isolement social

O isolamento social foi uma das principais medidas de saúde, até o momento, para conter o avanço da Covid-19 (SARS-CoV-2) no mundo. No Brasil, em março de 2020, o Ministério da Saúde regulamentou os critérios para isolamento e quarentena, a fim de evitar a contaminação pelo vírus (Ministério da Saúde, 2020a). Até o início de julho de 2020, o Brasil havia acumulado aproximadamente 1.448.000 casos e 60.600 mortes (Ministério da Saúde, 2020b). No entanto, o distanciamento social também pode causar impactos individuais negativos relacionados a transtornos de saúde mental, especialmente estresse, ansiedade e depressão (Pereira et al., 2020). Sabe-se que alguns grupos são especialmente vulneráveis e, ao longo de suas vidas, vivenciam com mais frequência situações de isolamento, como as minorias sexuais (Brennan et al., 2020). As desigualdades sociais e políticas que já existiam antes da pandemia já tinham um impacto desproporcional na vida das pessoas LGBT+. As determinações de distanciamento social podem aumentar a desigualdade, uma vez que as taxas relatadas de depressão e abuso de substâncias já são altas e podem se tornar ainda mais graves devido ao contexto (Kline, 2020).

As redes de apoio social tornaram-se especialmente importantes durante esse período. O apoio social de familiares, amigos e parceiros românticos vivenciado por pessoas LGBT+ está associado a uma menor incidência de transtornos de saúde mental, como depressão, ideação suicida e ansiedade (Darwich et al., 2012; McDonald, 2018; Rosario et al., 2011). Além disso, esse grupo sofre danos em múltiplos contextos, desde o cuidado com a saúde até o ambiente familiar. O modelo de saúde pública do Brasil historicamente não abordou efetivamente a saúde das minorias sexuais, nas quais a discriminação ainda ocorre com frequência (Lima et al., 2016). Ainda assim, a comunidade LGBT+ é uma população que tende a receber menos apoio e comunicação familiar, fatores importantes para a manutenção da autoestima, diretamente relacionados a uma

melhor gestão de situações adversas da vida, contribuindo para a redução do estresse (Silva & Cerqueira-Santos, 2018).

No que diz respeito aos relacionamentos românticos, homens e mulheres de minorias sexuais têm menos probabilidade de se casar ou viver com um parceiro (Gonzales & Ehrenfeld, 2018). No Brasil, o casamento entre pessoas do mesmo sexo ainda é recente e enfrenta dificuldades pelos poderes legislativo e executivo para ser garantido com maior igualdade (Coitinho & Rinaldi, 2018), assim como a adoção homoparental, que ainda é uma ideia rejeitada e cercada por crenças negativas (Cerqueira-Santos & Santana, 2015). Assim, as redes de apoio que já eram precárias para a maioria das pessoas LGBT+ tornaram-se ainda mais limitadas com o isolamento imposto. A falta de apoio necessário está relacionada a níveis mais baixos de autoestima e maior estresse (Brooks et al., 2020; Kline, 2020).

Observa-se que as pessoas LGBT+ mais vulneráveis são aquelas rejeitadas por parentes, membros da comunidade e amigos próximos (Duncan & Hatzenbuehler, 2014; Zervoulis et al., 2019). Essa vulnerabilidade é causada, entre outros fatores, pela falta de comunicação. Os sinais de falta de comunicação saudável na família manifestam-se por meio de baixo apoio social percebido, baixa autoestima e sentimentos de solidão, fatores que, somados à sensação de falta de oportunidades no mundo real, estão relacionados ao uso de aplicativos de encontros (DeHaan et al., 2013; Zervoulis et al., 2019).

A busca por parceiros online é popular entre os membros da comunidade LGBT+ (Choi et al., 2016). Um relatório publicado pela *Match Group* – uma empresa que possui aplicativos de relacionamento, incluindo o *Tinder* – apontou um aumento na interação entre seus usuários em todo o mundo como consequência do isolamento social da Covid-19 (Match Group, 2020). O aumento no uso dessas plataformas pode ter sido uma consequência de sentimentos negativos amplificados pelo isolamento social na comunidade LGBT+. Também estaria relacionado ao ato de sair de casa para obter sexo casual, apesar da possibilidade de realizar práticas sexuais online (Brennan et al., 2020; Souza et al., 2021). De fato, algumas medidas de proteção estão sendo tomadas por aqueles que estão tendo sexo casual durante esse período, como evitar beijos, banhos e limpar o ambiente antes e depois do ato sexual. No entanto, essas estratégias tendem a não ser eficazes para conter a infecção por Covid-19 (Souza et al., 2021). Tal exposição é uma preocupação, uma vez que as pessoas LGBT+ já são vulneráveis devido a fatores emocionais e psicológicos (Meyer, 2003). Membros da comunidade poderiam buscar compensar a falta de apoio por meio de bate-papos online, o que poderia levá-los a quebrar o distanciamento social e se tornarem vulneráveis ao vírus da Covid-19 (Brennan et al., 2020; Souza et al., 2021).

Aplicativos de encontros e plataformas relacionadas podem desempenhar um papel na manutenção da saúde mental. Seu uso limitado tem sido relacionado à redução dos sentimentos de depressão e solidão e a um maior senso de pertencimento à comunidade LGBT+ (Hunt et al., 2018; Zervoulis et al., 2019). Apenas o ato de compartilhar informações pessoais em aplicativos de geolocalização já tem uma relação com níveis mais baixos de solidão (Taylor et al., 2017), assim, pessoas LGBT+ não usam os aplicativos apenas para sexo casual ou para encontrar parceiros românticos, mas também para encontrar outros amigos na comunidade. O grupo de homens gays solteiros e homens que fazem sexo com outros homens (HSH) merece atenção especial, pois são os principais usuários desse tipo de plataforma (Ciocca et al., 2020; Goedel & Duncan, 2015; McKay et al., 2020; Souza et al., 2021).

Com base nisso, este trabalho teve como objetivo investigar a relação entre a percepção de isolamento social e o uso de aplicativos de encontros e plataformas relacionadas em jovens LGBT+. Também buscou compreender aspectos relacionados ao uso dessas plataformas por jovens LGBT+ e sua experiência durante o isolamento social com suas famílias e longe de amigos.

Método

Amostra

A amostra foi composta por 816 jovens LGBT+ brasileiros, com idades entre 18 e 32 anos, com uma importante concentração de participantes com menos de 20 anos no momento da pesquisa (25,9%). Os critérios de inclusão na amostra foram: ser LGBT+, ter entre 18 e 32 anos e concordar com os termos da pesquisa. A média de idade dos respondentes foi de 23,02 anos ($DP = 3,98$). A maioria dos participantes vivia em áreas urbanas (95,5%). Em relação à etnia, a maioria dos participantes era branca (53,8%), seguida por pardos (27,9%), negros (15,9%) e outras identificações (2,3%). A maioria dos entrevistados já havia concluído o ensino médio (52,6%), com 45,0% tendo diploma universitário.

Os estudantes representaram 39,0% da amostra, com outros 22,3% trabalhando e estudando. Aqueles que apenas trabalhavam somaram 23,1% e os desempregados, 14,1%. Outras situações representaram 1,5%. Sobre como estavam trabalhando e desempenhando suas funções durante o surto da pandemia, 55,9% estavam usando a Internet, 10,8% estavam trabalhando/estudando presencialmente, 25,2% estavam com atividades suspensas e 8,1% preferiram não responder. Apenas 14,2% faziam parte de um grupo de risco profissional (por exemplo, profissionais de saúde) e 35,7% viviam com alguém que pertencia ao grupo de risco da Covid-19. Apenas 1,2% haviam recebido um diagnóstico positivo para Covid-19, mas 13,6% disseram não ter certeza, pois tiveram sintomas, mas não fizeram o teste. No entanto, 23,4% tinham um parente ou amigo próximo que já havia sido infectado pelo vírus; 19,5% não tinham certeza.

Instrumentos

(a) socio identitário para investigar aspectos sociais e identidades dos participantes. Perguntas relacionadas à idade, moradia, orientação sexual, identidade de gênero, experiência de isolamento social, percepção de aceitação familiar da identidade LGBTQ+, etc. Esse instrumento foi usado em estudos anteriores (por exemplo, Ramos et al., 2020; Silva & Cerqueira-Santos, 2018).

(b) do tipo Likert, variando de 0 (*nenhuma concordância*) a 10 (*concordância total*), sobre a percepção da pandemia de Covid-19 e isolamento social, listadas na Tabela 1. Este questionário foi desenvolvido para este estudo com base em outros estudos: Brooks et al. (2020), Salerno et al. (2020), Pereira et al. (2020) e Wang et al. (2020). Este instrumento também foi usado em outros estudos, como Gato et al. (2021).

(c) sobre o uso de aplicativos de encontros, em relação à intensidade de uso, práticas associadas ao uso e lista de aplicativos usados. Os participantes foram questionados se usavam aplicativos de encontros, a frequência de uso durante o isolamento social, a frequência média de uso semanal antes do isolamento social, quais plataformas eram usadas e os objetivos e alcances do uso durante o isolamento social.

Desenho

Esta pesquisa faz parte do projeto “Redes de Apoio Social e Saúde Psicológica entre Jovens LGBTQ+ durante a Pandemia de COVID-19”, resultado de uma parceria internacional com a Universidade do Porto que incluiu o Brasil e outros cinco países da Europa e América Latina. Sete universidades participaram do projeto e aplicaram um protocolo de pesquisa semelhante por meio de uma plataforma online durante o período de isolamento social causado pela pandemia de Covid-19. A produção de dados no Brasil ocorreu entre 9 e 22 de maio de 2020, período em que os casos de Covid-19 no país passaram de cerca de 155.000 para mais de 330.000 e, as mortes, de cerca de 10.000 para mais de 20.000 (Ministério da Saúde, 2020b). Esse momento é representativo da maior mobilização de isolamento social da pandemia no Brasil. Redes sociais (Facebook, Instagram e Twitter) e a página de um grupo de pesquisa foram usadas para a divulgação da pesquisa.

Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética (CAAE 30192720.0.0000.5546) e seguiu os princípios éticos que regulam a condução de pesquisas com seres humanos, de acordo com as resoluções brasileiras. Para que os participantes respondessem ao questionário online, era necessário concordar com os procedimentos e objetivos da pesquisa, informados por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados produzidos foram transferidos para o software SPSS, onde foram realizadas análises estatísticas descritivas e inferenciais: médias, frequências, teste t e teste qui-quadrado de independência. Testes t para amostras independentes foram realizados entre as variáveis do questionário sobre a percepção da pandemia de Covid-19 e sobre isolamento social e as seguintes variáveis dicotômicas: gênero, estar ou não em isolamento social, status de relacionamento, estar ou não com a família durante o isolamento social, quebrar o isolamento social para encontros amorosos e uso de aplicativos de encontros e plataformas relacionadas. Esta última variável também foi medida em relação à idade. Diferenças de gênero também foram investigadas em relação à frequência de uso de aplicativos. Além disso, foi realizado um teste t de uma amostra entre as perguntas 5 e 6 (sobre o quanto se sentiam isolados de seus amigos LGBTQ+ e amigos não LGBTQ+) do questionário de percepção sobre a pandemia de Covid-19 e isolamento social. Testes de qui-quadrado foram computados entre o uso de aplicativos de encontros e plataformas relacionadas com as variáveis: gênero, estar ou não em isolamento social, status de relacionamento, estar ou não com a família durante o isolamento e quebrar o isolamento social para encontros amorosos. A associação com gênero, status de relacionamento e estar ou não com a família durante o isolamento também foi investigada. Finalmente, verificou-se se a avaliação da quantidade de uso em dias das plataformas de relacionamento estava associada aos dados numéricos dessa frequência. O *d* de Cohen, o coeficiente *Phi* e o *V* de Cramer foram os indicadores usados para demonstrar os tamanhos dos efeitos.

Resultados

A amostra foi composta por homens (46,7%), mulheres (52,1%) e indivíduos intersexo (1,2%). Os cisgêneros (91,8%) foram a maioria, acompanhados por não binários (4,7%), transgêneros (3,1%) e outras identificações (0,5%). Em relação à orientação sexual, homossexuais (59,3%) e bissexuais (32,7%) estavam em maior número, com pansexuais (5,6%) e outros (2,3%) sendo uma minoria. Apenas 46,8% estavam em um relacionamento afetivo sexual no momento da pesquisa.

Quase quatro quintos dos participantes declararam estar em isolamento social (79,5%). Apenas 19,6% dos entrevistados não estavam com a família durante esse período da pandemia, 70,3% já viviam com a família e 10,0% não viviam, mas por causa da pandemia voltaram para casa. Quase todos os entrevistados se sentiram emocionalmente afetados pela pandemia de Covid-19 (98,9%) em algum grau e 93,9% se sentiram isolados de seus amigos LGBTQ+ em algum nível durante esse período. Esses dados estão apresentados na Tabela 1, junto com as outras perguntas do questionário de percepção sobre a pandemia de Covid-19 e isolamento social. A diferença entre o sentimento de isolamento em relação a amigos mostrou

diferenças entre amigos LGBT+ e amigos não LGBT+, sendo a média para o primeiro grupo significativamente maior ($t = 4,671$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,16).

Tabela 1

Médias e Concordância sobre Isolamento Social e Covid-19

	Média (SD)	Σ Concordância	Frequência em porcentagem					
			Zero	1-2	3-4	5-6	7-8	9-10
1. Quanto a pandemia de Covid-19 afetou sua vida?	7.67 (1.90)	99.5%	0.5%	1.4%	3.5%	14.9%	47.9%	32.0%
2. Quão limitado você se sente em realizar atividades normais da vida devido à pandemia de Covid-19?	8.18 (1.93)	99.3%	0.7%	0.7%	3.2%	11.8%	33.2%	50.3%
3. Quanto a pandemia de Covid-19 afetou você emocionalmente?	8.13 (2.12)	98.1%	1.1%	1.2%	3.3%	14.7%	25.4%	54.3%
4. Em que medida você se sente desconfortável em sua família, na situação atual de confinamento social? (Para aqueles que estão com a família no Isolamento Social) (n = 656)	5.74 (3.09)	91.5%	8.5%	9.6%	14.9%	19.2%	26.9%	20.7%
5. Quanto a pandemia de Covid-19 fez você se sentir isolado de seus amigos heterossexuais ou cisgêneros?	6.64 (3.01)	93.1%	6.9%	5.9%	8.5%	20.0%	25.9%	32.9%
6. Quanto a pandemia de Covid-19 fez você se sentir isolado de seus amigos LGBT+?	7.13 (3.01)	93.9%	6.1%	4.5%	8.0%	14.1%	25.0%	42.3%
7. Quanto a pandemia de Covid-19 fez você se sentir isolado de seu namorado/namorada? (Para aqueles em um relacionamento) (n=358)	6.16 (4.02)	77.5%	22.5%	3.2%	3.1%	8.4%	17.3%	39.3%
8. Quanto você se sente “sufocado” por não poder expressar sua identidade LGBT+ com sua família na situação atual de confinamento? (Para aqueles com a família no Isolamento Social) (n = 656)	5.82 (4.00)	76.4%	23.6%	5.1%	6.4%	12.1%	14.0%	38.7%
9. O quanto você tem medo de ser infectado pelo novo coronavírus?	8.00 (2.48)	97.4%	2.6%	1.8%	5.2%	11.4%	26.0%	53.0%
10. O quão bem informado você acha que está sobre a pandemia de Covid-19?	8.29 (1.54)	99.9%	0.1%	0.1%	1.7%	9.2%	41.4%	47.4%

Diferenças significativas foram encontradas nas médias do questionário de percepção sobre a pandemia de Covid-19 e isolamento social nas perguntas 3 e 10 (sobre afetar emocionalmente e estar bem-informado) em relação a gênero. As mulheres se sentiram mais emocionalmente afetadas [Homens = 7,71 ($DP = 2,31$); Mulheres = 8,26 ($DP = 1,87$); $t = -5,241$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,26] e os homens se sentiram mais bem informados sobre a pandemia de Covid-19 [Homens = 8,43 ($DP = 1,49$); Mulheres = 8,16 ($DP = 1,57$); $t = 2,511$; $p = 0,012$; d de Cohen = 0,17]. Em relação a estar ou não em isolamento, houve uma diferença significativa nas perguntas 2 e 10 (sobre se sentir limitado e estar bem-informado). Aqueles que estavam em isolamento se sentiram mais limitados [M sim = 8,28 ($DP = 1,89$); M não = 7,78 ($DP = 2,01$); $t = -2,991$; $p = 0,003$; d de Cohen = 0,25] e se consideraram mais bem informados [M sim = 8,36 ($DP = 1,42$); M não = 8,02 ($DP = 1,92$); $t = -2,141$; $p = 0,033$; d de Cohen = 0,20].

Em relação a estar ou não com a família durante o isolamento, foram encontradas diferenças significativas nas perguntas 1, 4, 7 e 8 (que tratam, respectivamente, de afetar a vida, sentir-se desconfortável com a família, sentir-se isolado do namorado ou namorada e sentir-se “sufocado” pela família em relação a identidade LGBT+). Indivíduos que não estavam com a família se sentiram mais afetados pela pandemia de Covid-19 [M sim = 7,59 ($DP = 1,93$); M não = 7,98 ($DP = 1,76$); $t = 2,316$; $p = 0,021$; d de Cohen = 0,21]; Aqueles que estavam com a família no isolamento se sentiram mais desconfortáveis na situação de confinamento social [M sim = 5,74 ($DP = 3,09$); M não = 4,34 ($DP = 3,32$); $t = -5,044$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,43], sentiram-se mais isolados de seus namorados (entre aqueles em relacionamento) [M sim = 7,27 ($DP = 3,43$); M não = 2,99 ($DP = 3,91$); $t = -9,362$; $p < 0,001$; d de Cohen = 1,16] e sentiram-se mais “sufocados” em relação à sua identidade LGBT+ dentro da família [M sim = 5,82 ($DP = 4,00$); M não = 3,13 ($DP = 3,97$); $t = -7,625$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,67].

Sobre aqueles que estavam ou não em um relacionamento, houve diferenças significativas entre os grupos nas perguntas 1, 7 e 8 (sobre afetar a vida, sentir-se isolado do parceiro e sentir-se “sufocado” na família em relação à identidade LGBT+, respectivamente). Aqueles em um relacionamento sentiram que a vida foi mais afetada [$M \text{ sim} = 7,84$ ($DP = 1,75$); $M \text{ não} = 7,52$ ($DP = 2,01$); $t = -2,360$; $p = 0,019$; d de Cohen = 0,16] e sentiram-se mais isolados de seu parceiro [$M \text{ sim} = 6,16$ ($DP = 4,02$); $M \text{ não} = 3,37$ ($DP = 4,19$); $t = -6,992$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,67]. Aqueles que não estavam em um relacionamento sentiram-se mais “sufocados” em relação à expressão de sua identidade LGBT+ dentro da família [$M \text{ sim} = 4,74$ ($DP = 4,24$); $M \text{ não} = 5,78$ ($DP = 3,98$); $t = 3,594$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,25].

Aplicativos de Encontros e Relacionamentos

No total, 42,4% da amostra faz uso ($n = 346$) de aplicativos de encontros ou plataformas relacionadas. Esse uso foi associado ao gênero [$\chi^2(1) = 71,765$; $p < 0,001$] e ao fato de estar ou não em um relacionamento [$\chi^2(1) = 128,901$; $p < 0,001$]. Assim, homens e aqueles que não estão em um relacionamento estariam mais associados ao uso dos aplicativos ($Phi = 0,298$; $Phi = 0,397$). Aqueles que usam são 64,5% homens e 76,3% pessoas que não estão em um relacionamento. Entre aqueles que não usam, 63,8% estão em um relacionamento e 65,6% são mulheres.

Diferenças significativas do questionário de percepção subjetiva foram encontradas apenas na pergunta 3, sobre o quanto a pandemia afetou emocionalmente. O grupo que não usou plataformas online se sentiu mais afetado [$M \text{ sim} = 7,87$ ($DP = 2,24$); $M \text{ não} = 8,32$ ($DP = 2,01$); $t = -2,945$; $p = 0,003$; d de Cohen = 0,21]. Em relação à média de idade daqueles que usam e não usam os aplicativos online, o grupo com idade significativamente maior foi o principal usuário [$M \text{ sim} = 23,41$ ($DP = 3,92$); $M \text{ não} = 22,74$ ($DP = 4,01$); $t = 2,369$; $p = 0,018$; d de Cohen = 0,16].

Entre aqueles que se identificaram como usuários desses aplicativos, os homens preferiram usar: Tinder (82,9%), Grindr (78,8%), Hornet (25,7%), Scruff (24,3%), Bate Papo UOL (12,2%), Happn (6,3%), Badoo (6,3%), “Par Perfeito” (1,4%) e outros 9 que foram mencionados em menor proporção. As mulheres preferiram usar: Tinder (94,3%), Happn (13,1%), Badoo (7,4%), Her (5,7%), Wapa (4,1%), Grindr (2,5%), Taimi (2,5%), Femme (1,6%), Bate Papo UOL (1,6%) e outros 6 que foram mencionados com menor frequência.

Em relação ao número de dias usando esses aplicativos durante a última semana, os homens ($M = 2,79$; $DP = 2,47$) tiveram uma média de uso significativamente maior ($t = 4,904$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,49) do que as mulheres ($M = 1,69$; $DP = 1,95$). Em relação ao número médio de dias usados em uma semana antes do isolamento social, a diferença também foi significativa [Homens = 3,64 ($DP = 2,36$); Mulheres = 1,88 ($DP = 1,84$); $t = 7,627$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,83].

A diminuição do uso durante o período de isolamento social relatada pelos entrevistados foi significativa ($t = -5,058$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,27; $r = 0,507$; $p < 0,001$). Eles indicaram que seu uso diminuiu em quase a metade dos casos (45,7%), permaneceu constante em 29,8% e aumentou em 24,6%. Calculando essas classificações com base nos dias médios fornecidos, 42,8% diminuíram o uso, 33,2% mantiveram e 24,0% aumentaram. Houve uma associação entre as duas classificações [$\chi^2(4) = 157,268$; $p < 0,001$; V de Cramer = 0,477].

Os objetivos dos homens nesses aplicativos durante o isolamento social foram distribuídos entre: distração (68,9%), conversa (59,9%), relacionamento afetivo (53,2%), sexo casual (50,0%), amizade (48,6%), ver fotos (37,4%), masturbação (36,9%) e sexo virtual (18,9%). Outras respostas totalizaram 0,9%. Entre as mulheres, os objetivos foram: conversar (63,1%), distração (62,3%), relacionamento afetivo (50,8%), amizade (50,8%), sexo casual (29,5%), ver fotos (18,9%), masturbação (4,9%) e sexo virtual (4,1%). As outras respostas totalizaram 0,9%.

Em relação ao que foi alcançado por meio dos aplicativos durante o isolamento social, os homens responderam: conversa (66,7%), distração (63,1%), ver fotos (58,6%), sexo casual (44,6%), masturbação (42,3%), amizade (41,0%), sexo virtual (25,7%), relacionamento afetivo (14,4%). Outras respostas totalizaram apenas 0,9%. Os resultados alcançados pelas mulheres foram: distração (65,6%), conversa (63,1%), amizade (49,2%), ver fotos (36,9%), sexo casual (21,3%), relacionamento afetivo (20,5%), sexo virtual (9,0%), masturbação (6,6%) e beijar (1,6%).

Quebra do Isolamento Social

O isolamento social foi quebrado para que houvesse alguns encontros com parceiros sexuais por 26,7% dos participantes. Especificamente, entre os usuários de aplicativos de relacionamento, esse número sobe para 29,8%. No entanto, nenhuma associação foi encontrada entre as variáveis [$\chi^2(1) = 2,860$; $p = 0,091$]. Homens e mulheres apresentaram frequências muito semelhantes, e não houve associação entre gênero e quebra do isolamento para encontros [$\chi^2(1) = 2,234$; $p = 0,135$]. O resultado se repetiu em relação a estar ou não em isolamento com a família [$\chi^2(1) = 1,097$; $p = 0,295$].

Associações com a quebra do isolamento foram encontradas apenas para a variável “estar ou não em um relacionamento” [$\chi^2(1) = 24,075$; $p < 0,001$; $Phi = 0,172$]. Entre aqueles que quebraram o isolamento, 61,0% estão em um relacionamento. Por outro lado, entre aqueles que não quebraram o isolamento para ter encontros pessoais, 58,4% não estavam em um relacionamento. Assim, aqueles que estavam em um relacionamento foram mais associados a uma chance de quebrar o isolamento. Em relação

ao questionário de percepção sobre Covid-19 e isolamento social, apenas a pergunta 9, sobre o quanto eles tinham medo de serem infectados, apresentou diferenças significativas nas médias em relação a quebrar ou não o isolamento social para encontros [$M_{\text{sim}} = 7,66$ ($DP = 2,68$); $M_{\text{não}} = 8,13$ ($DP = 2,39$); $t = -2,299$; $p = 0,022$; d de Cohen = 0,18].

Discussão

Este estudo apresentou resultados que estão alinhados com outros estudos sobre Covid-19 em outros países. A taxa de isolamento social de 79,5% estava acima da média nacional para o período (menos de 50%) e resultados semelhantes foram encontrados em um estudo desenvolvido nos Estados Unidos onde, em uma amostra de homens gays e bissexuais, 88% adotaram a estratégia de isolamento durante um certo período da pandemia (McKay et al., 2021). No mesmo sentido estavam os dados de homens que fazem sexo com homens do Brasil e Portugal que responderam estar em isolamento, 71% e 74,6% respectivamente (Souza et al., 2021).

É interessante notar que o grupo em isolamento social se sentia significativamente mais bem informado sobre a Covid-19 e mais limitado por causa desse contexto. Os fatores envolvidos nessa postura de isolamento podem ser explicados pelas informações que as pessoas têm sobre o alcance e as características da pandemia. Um estudo que explorou o impacto da informação online na intenção de autoisolamento dos indivíduos descobriu que aqueles que usam redes sociais percebem maior gravidade na situação e alcançam maior autoeficácia. Ambos os construtos, gravidade e autoeficácia, impactam positivamente a intenção de autoisolamento quando comparados ao grupo de pessoas que não usam redes sociais como ferramenta de informação (Farooq et al., 2020). Embora os aplicativos (aplicativos, sites ou plataformas de relacionamento) não sejam considerados a priori como redes sociais, como Facebook e Instagram, entende-se que a presença do usuário nesses aplicativos colabora como uma extensão de sua rede de relacionamentos interpessoais, o que pode impactar as informações que acessam e discutem (Higa et al., 2014).

Os resultados apresentados mostram que as mulheres relataram ser mais emocionalmente afetadas. Esse resultado pode estar associado ao estigma ao se identificar como lésbica e bissexual, que em situações de vida sem pandemia já apontam para maior sofrimento quando comparadas a mulheres heterossexuais (Cochran et al., 2003). A suscetibilidade ao mal-estar subjetivo surge da discriminação, especialmente quando há autoidentificação como lésbica ou bissexual e exposição sobre essa condição, a partir de uma visão heterossexista (Kulkin, 2006). Os dados sobre a saúde mental da população em geral mostram que as mulheres têm piores indicadores quando comparadas aos homens, reforçando que as diferenças baseadas em gênero, nas quais a sociedade brasileira se baseia, são um dos efeitos estressantes para essa parte da população (Read & Gorman, 2010).

As mudanças impostas pela pandemia de Covid-19, especialmente o isolamento social, foram destacadas como elementos que afetaram o bem-estar da população estudada. Nesse contexto de isolamento, estar junto com familiares ou não também mostrou resultados significativos. A literatura sobre o apoio social da população LGBT+ aponta a importância da família como um elemento protetor para os membros desse grupo (McConnell et al., 2015; 2016; Watson et al., 2016). Embora o papel de apoio da família seja enfatizado, pode-se perceber que, quando isso não ocorre, há um impacto negativo considerável sobre o bem-estar da população LGBT+ (Higa et al., 2014; Puckett, Woodward et al., 2015).

Nesse sentido, os participantes que não estavam vivendo com a família e se sentiam mais afetados pela pandemia indicaram que percebem o apoio social do grupo familiar e, ao mesmo tempo, se consideraram aceitos no ambiente familiar. Além disso, os fatores práticos de não estar com a família nesse momento devem ser considerados, em muitos casos a pressão financeira aumentou e há limitações para a divisão de responsabilidades e tarefas, ou mesmo o sentimento de solidão que pode surgir por estar longe de seus vínculos.

Em contraste, o grupo de pessoas que estava vivendo com suas famílias estava mais desconfortável com o isolamento social e se sentia mais sufocado para expressar a identidade LGBT+ (um indicador de limitação de expressão). Possivelmente eles se encontravam em um ambiente familiar que pode ser considerado como apoio social restrito em relação à sua identidade. É preocupante que esse seja o maior grupo na amostra, cerca de 80%. Isso serve como um alerta tanto para a situação precária de aceitação familiar vivenciada por esses jovens quanto para os possíveis resultados negativos para sua saúde mental que podem resultar dessa experiência prolongada de exposição ao problema (Pereira & Leal, 2005; Perucchi et al., 2014; Toledo & Teixeira, 2013).

No que diz respeito à associação entre estar com a família e sentir-se mais isolado do namorado ou namorada, atenção deve ser dada a esse fator, uma vez que alguns estudos confirmam a importância dos relacionamentos afetivos para o bem-estar subjetivo da população LGBT+ (Grossman et al., 2000). Talvez por isso, aqueles que estavam em um relacionamento sentiram que tiveram a vida mais afetada pela pandemia. As condições de estigma e discriminação intrafamiliar podem contribuir de forma única para a população estudada, por exemplo, dificuldades em fazer videochamadas ou outras formas de interação que expressem sua identidade para os familiares. No entanto, ter um relacionamento pode desempenhar um papel protetor, uma vez que aqueles que não têm se sentem mais sufocados em relação à sua identidade LGBT+.

O impacto do isolamento social nas relações dentro do grupo LGBT+ não se restringe às interações com namorados. O papel das amigas como fonte de apoio social merece atenção substancial, o que a literatura nessa área confirma como

um elemento de apoio para os membros do grupo (Frost et al., 2016). No contexto de isolamento, especificamente em ambientes onde o comportamento de identificação LGBT+ era restrito devido a limitações familiares, esse contato com amigos pode ser afetado quando eles também são identificados como LGBT+. O problema é flagrante em casos onde há maior experimentação com gênero, como em homens afeminados ou pessoas em transição de gênero (por exemplo, Ramos et al., 2020). Nesta amostra, os participantes sentiram-se significativamente mais isolados de seus amigos LGBT+ do que de seus amigos não LGBT+, o que pode impactar a rede de apoio e o bem-estar dessa população (Frost & Meyer, 2012; Kertzner et al., 2009; Puckett, Levitt et al., 2015). Considerando que esse apoio é feito por meio de plataformas que preservam a intimidade do usuário, como redes sociais ou outros aplicativos de bate-papo por texto, isso pode ser uma alternativa que pesquisas futuras precisariam avaliar.

Como já apontado por outras pesquisas, ser homem e solteiro foi associado ao uso de aplicativos de encontros nesta amostra (Ciocca et al., 2020; Goedel & Duncan, 2015; McKay et al., 2020; Souza et al., 2021). Alguns dados fornecidos por empresas de aplicativos de encontros relatam o aumento do uso de aplicativos e uma maior quantidade de mensagens enviadas durante o período da pandemia (Brennan et al., 2020). Considerando esse contexto de isolamento social condicionado pela pandemia, o uso de aplicativos de encontros pode desempenhar o papel de uma ferramenta para enfrentar as dificuldades impostas pelo momento. Nesse sentido, os resultados indicam que as pessoas que não usaram aplicativos de encontros durante o período de isolamento social registraram maiores dificuldades emocionais quando comparadas ao grupo de participantes que usaram os aplicativos.

O uso de aplicativos de encontros como uma estratégia de enfrentamento sugere uma gama mais ampla de usos e efeitos desses aplicativos na vida dos usuários. Embora no imaginário social esses aplicativos sejam descritos como instrumentos que visam apenas facilitar o estabelecimento de relações sexuais (Duguay, 2016; Timmermans & Courtouis, 2018). Especificamente, o uso de aplicativos de encontros pode servir como uma ferramenta de liberação para aqueles que se sentem oprimidos ou são sensíveis à rejeição (Hance et al., 2017). Além disso, há evidências da importância desses aplicativos em situações como o isolamento social com a presença de familiares, para que as pessoas possam criar um espaço para a expressão de sua identidade sem a interlocução com aqueles que a cercam.

Com base na compreensão dos aplicativos de encontros como um elemento que auxilia na saúde mental como uma ferramenta de apoio social para uma parte dos participantes da pesquisa, é necessário verificar as características que sustentam essa usabilidade. Os dados indicam que os homens não apenas representam o maior número de usuários, mas também são aqueles que dedicam mais tempo ao uso desses aplicativos. Nesta amostra, houve uma diferença no número médio de dias de uso por semana durante o isolamento e antes da pandemia para homens e mulheres, com os homens novamente sendo os usuários mais frequentes. No entanto, como os próprios participantes responderam, houve uma diminuição no uso, demonstrando que o isolamento social causou interferência nessa dinâmica. Por um lado, os usuários podem achar mais difícil usar devido à falta de privacidade em casa. Além disso, o uso pode ter perdido significado também devido às limitações impostas pela dinâmica do isolamento: não poder se encontrar, não ter um lugar para encontros íntimos ou públicos, dificuldade para justificar sair de casa para os familiares etc.

Um estudo anterior relacionado ao aplicativo Grindr mostrou que o grupo de HSH usa o aplicativo de acordo com seis necessidades: inclusão social/aprovação, sexo, amizade/rede, relações românticas, entretenimento e pesquisa baseada em localização (Van de Wiele & Tong, 2014). Entre as descobertas desse mesmo estudo, é digno de nota que homens pertencentes a pequenas áreas urbanas usaram o aplicativo com a intenção de expandir sua rede social, enquanto aqueles que vivem em áreas maiores buscaram mais frequentemente relações sexuais. Outro ponto mostrado por Van de Wiele e Tong (2014) foi que a expansão das interações sociais é marcada pela divulgação da identidade no perfil do aplicativo, o que serviria como um mecanismo modulador de confiança entre os pares. Essas duas variáveis, geolocalização e informações compartilhadas, não foram abordadas neste estudo e indicam o caminho para entender melhor as características dos relacionamentos por meio desses aplicativos.

Para entender como os aplicativos estão colaborando para a saúde mental dos participantes, é necessário descobrir quais são os propósitos de uso declarados pelos usuários. De acordo com os resultados encontrados, há uma predominância da busca por distração e conversas, sendo essas as duas respostas mais frequentes tanto para homens quanto para mulheres. Embora esses dados não sejam o que está presente no imaginário social – que vislumbra a busca por sexo casual como a principal motivação para o uso de aplicativos de encontros (Duguay, 2016) – eles corroboram estudos anteriores que vinculam o uso de aplicativos para esse propósito e não apenas a busca por parceiros de sexo casual ou relacionamentos de longo prazo (McKay et al., 2020; Van de Wiele & Tong, 2014). O sexo casual aparece para os homens como a quarta e para as mulheres como a quinta razão, mas com uma adesão muito menor. Em geral, os homens mostraram maior engajamento nas possibilidades do que as mulheres. O sexo virtual, por exemplo, que foi a resposta menos frequente entre os propósitos de uso, é alvo de 18,9% dos homens e apenas 4,1% das mulheres. Mas é evidente o papel que os propósitos, *a priori*, como amizade, conversa e distração têm para ambos os grupos. O foco dado pelos entrevistados pode ser afetado por sua condição de isolamento social, então a estratégia de mudar o perfil de busca para interações não sexuais ou baseadas em relacionamentos de longo prazo pode revelar um efeito colateral devido à mudança de ambiente e sem planejamento prévio.

Em linha com o que a amostra visa por meio dos aplicativos, os alcances a partir deles durante a pandemia também tiveram a distração e as conversas como os resultados mais frequentes entre esses jovens. No entanto, houve diferenças marcantes entre o que foi visado e o que foi alcançado durante esse período. Por exemplo, houve um aumento na opção de visualização de fotos e uma diminuição nos relacionamentos afetivos.

A baixa frequência de quebra de isolamento entre os usuários dessas plataformas (29,8%) ajuda a certificar a intenção de usar os aplicativos para atividades fora do estrito âmbito das relações sexuais, ou pelo menos a escolha de adiar esses encontros para um momento mais seguro. Embora a intenção fosse além do sexo, observa-se que os homens responderam ter estabelecido sexo casual (44,6%) devido aos aplicativos, em linha com a pesquisa de outra amostra brasileira e portuguesa, especificamente de HSH, que revelou que 53% dos participantes tiveram sexo casual durante o período de isolamento (Souza et al., 2021). Em outro estudo, realizado nos Estados Unidos, foi observada uma diminuição no número de parceiros de HSH durante a pandemia e a adoção de novas estratégias para ter sexo, como o uso de mídia virtual (McKay et al., 2020). Na presente amostra, 25,7% dos homens e 9,0% das mulheres já haviam praticado sexo virtual, a partir dos aplicativos de encontros, no momento da pesquisa.

Diferentemente do que aconteceu com o uso de aplicativos, a quebra do isolamento social não diferiu entre homens e mulheres. Também não diferiu em relação a estar ou não com a família durante o período. No entanto, aqueles em um relacionamento quebraram o isolamento social significativamente mais vezes. Isso levanta a hipótese de que os relacionamentos podem estimular a inconsistência no isolamento social, talvez os jovens se sintam mais seguros em quebrar o isolamento social com alguém de uma convivência anterior. No entanto, isso não é confirmado pelas recomendações dos protocolos de saúde. Mesmo aqueles participantes que não quebraram o isolamento estavam com mais medo de serem infectados.

Considerações Finais

Os desafios de passar pelo isolamento social como resultado da pandemia de Covid-19 demonstram algumas especificidades quando se trata da população LGBTQ+ devido às vulnerabilidades históricas ligadas a esse grupo. O estigma e a discriminação social que estão associados ao maior número de casos de depressão, ansiedade e estresse pós-traumático nessa população são alguns dos indicadores que demonstram a necessidade de realizar estudos e políticas públicas especificamente voltadas para esse grupo (Hatzenbuehler, 2010; 2014). No entanto, o preconceito é considerado uma variável no afastamento dessa população dos serviços de saúde e assistência social.

A amostra é composta principalmente (91,8%) por indivíduos cisgêneros. De acordo com estudos no campo do estigma e discriminação, a população transgênero tem taxas mais altas de abuso de substâncias, estigma e assédio quando comparada aos cisgêneros (Gamarel et al., 2014; Hughto et al., 2015). Assim, esses dados indicam que a população alcançada no curso da pesquisa está dentro de um grupo vulnerável, no que diz respeito ao grande grupo LGBTQ+, mas não representa aquela parte que é consistente com os mais afetados pelo processo de estigmatização (Hughto et al., 2015).

Os resultados encontrados nesta pesquisa estão associados ao momento em que a pesquisa foi realizada, aproximadamente dois meses após o início do isolamento social no Brasil. O monitoramento dessas variáveis por um período mais longo poderia demonstrar mudanças tanto na adoção do isolamento social quanto no uso de redes sociais. A regularidade da coleta de dados nesse contexto pandêmico, abrangendo diferentes momentos ou fases do isolamento, enriqueceria o conhecimento sobre o efeito dos aplicativos de encontros na população LGBTQ+.

Estudos futuros devem investigar o papel desses aplicativos no apoio social em contextos com e sem isolamento social. Além disso, é importante entender outros mecanismos de comunicação, como redes sociais, e as adaptações usadas pela comunidade LGBTQ+ no contexto do isolamento social familiar. Experiências de homofobia familiar durante a pandemia devem ser exploradas por meio de pesquisas para possibilitar a compreensão desse fenômeno. Este estudo mostrou que o uso de aplicativos por jovens LGBTQ+ durante o isolamento social pode ser uma ferramenta protetora, com a manutenção de redes sociais. A quebra do isolamento para encontros por meio de aplicativos não foi fortemente associada, o que reduz a ideia de que jovens socialmente isolados tenderiam a sucumbir aos chamados de encontros afetivos sexuais via Internet.

Referências

- Brennan, D.J., Card, K.G., Collicot, D., Jollimore, J., & Lachowsky, N.J. (2020). How might social distancing impact gay, bisexual, queer, trans and two-spirit men in Canada? *AIDS and Behavior*, 24, 1-3. <https://doi.org/10.1007/s10461-020-02891-5>
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395 (10227), 1-9. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)

- Cerqueira-Santos, E., & Santana, G. (2015). Homoparental adoption and prejudice: Beliefs of law and social work students. *Themes in Psychology, 23* (4), 873-885. <https://doi.org/10.9788/TP2015.4-06>
- Choi, EPH, Wong, JYH, & Fong, DYT (2016). The use of social networking applications of smartphones and associated sexual risks in lesbian, gay, bisexual, and transgender populations: A systematic review. *AIDS Care, 29* (2), 145-155. <https://doi.org/10.1080/09540121.2016.1211606>
- Ciocca, G., Robiotta, A., Fontanesi, L., Sansone, A., D'Antuono, L., Limoncin, E., Nimbi, F., Simonelli, C., Lorenzo, G. Di, Siracusano, A., & Jannini, EA (2020). Sexological aspects related to Tinder use: A comprehensive review of the literature. *Sexual Medicine Review, 8* (3) 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.sxmr.2019.12.004>
- Cochran, S. D., Sullivan, J. G., & Mays, V. M. (2003). Prevalence of mental disorders, psychological distress, and mental health services use among lesbian, gay, and bisexual adults in the United States. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 71* (1), 53–61. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.71.1.53>
- Darwich, L., Hymel, S., & Waterhouse, T. (2012). School avoidance and substance use among lesbian, gay, bisexual, and questioning youths: The impact of peer victimization and adult support. *Journal of Educational Psychology, 104* (2), 381–392. <https://doi.org/10.1037/a0026684>
- DeHaan, S., Kuper, L.E., Magee, J.C., Bigelow, L., & Mustanski, B.S. (2013). The interplay between online and offline explorations of identity, relationships, and sex: A mixed-methods study with LGBT youth. *Journal of Sex Research, 50* (5), 421–434. <https://doi.org/10.1080/00224499.2012.661489>
- Duguay, S. (2016). Dressing up tinderella : Interrogating authenticity claims on the mobile dating app tinder. *Information, Communication & Society, 20* (3), 351–367. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2016.1168471>
- Duncan, D. T., & Hatzenbuehler, M. L. (2014). Lesbian, gay, bisexual, and transgender hate crimes and suicidality among a population-based sample of sexual-minority adolescents in Boston. *American Journal of Public Health, 104* (2), 272-278. <https://doi.org/10.2105/ajph.2013.301424>
- Farooq, A., Laato, S., & Islam, AKMN (2020). The impact of online information on self-isolation intention during the Covid-19 pandemic: A cross-sectional study. *Journal of Medical Internet Research, 22* (5). <https://doi.org/10.2196/19128>
- Coitinho Filho, RAC, & Rinaldi, ADA (2018). The Supreme Federal Court and “homosexual unions”. *Civitas - Journal of Social Sciences, 18*, 26-42. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28419>
- Frost, D. M., & Meyer, I. H. (2012). Measuring community connectedness among diverse sexual minority populations. *Journal of Sex Research, 49* (1), 36-49. <https://doi.org/10.1080/00224499.2011.565427>
- Frost, D. M., Meyer, I. H., & Schwartz, S. (2016). Social support networks among diverse sexual minority populations. *American Journal Orthopsychiatry, 86* (1), 91–102. <https://doi.org/10.1037/ort0000117>
- Gamarel, K.E., Reisner, S.L., Laurenceau, J.P., Nemetom T., & Operario, D. (2014). Gender minority stress, mental health, and relationship quality: A dyadic investigation of transgender women and their cisgender male partners. *Journal of Family Psychology, 28* (4), 437–447. <https://doi.org/10.1037/a0037171>
- Gato, J., Barrientos, J., Tasker, F., Miscioscia, M., Cerqueira-Santos, E., Malmquist, A., Seabra, D., Leal, D., Houghton, M., Poli, M., Gubello, A., Ramos, M. M., Guzmán, M., Urzúa, A., Ulloa, F., & Wurm, M. (2021). Psychosocial effects of the Covid-19 pandemic and mental health among LGBTQ+ young adults: A cross-cultural comparison across six nations. *Journal of Homosexuality, 68* (4), 612-630. <https://doi.org/10.1080/00918369.2020.1868186>
- Goedel W. C., & Duncan DT (2015). Geosocial-Networking app usage patterns of gay, bisexual, and other men who have sex with men: Survey among users of Grindr, a mobile dating app. *JMIR Public Health Surveil, 1* (1), 1-13. <https://doi.org/10.2196/publichealth.4353>
- Gonzales, G., G., & Ehrenfeld, J. (2018). The association between state policy environments and self-rated health disparities

- for sexual minorities in the United States. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15 (6), 1-11. <https://doi.org/10.3390/ijerph15061136>
- Grossman, AH, D'Augelli AR, & Hershberger, SL (2000). Social support networks of lesbian, gay, and bisexual adults 60 years of age and older. *Journal of Gerontology : Social Sciences*, 55 (3) , 171–179. <https://doi.org/10.1093/geronb/55.3.P171> .
- Hance, M.A., Blackhart , G., & Dew, M. (2017). Free to be me: The relationship between the true self, rejection sensitivity, and use of online dating sites. *The Journal of Social Psychology*, 158 (4), 421-429. <https://doi.org/10.1080/00224545.2017.1389684>
- Hatzenbuehler, M. L. (2010). Social factors as determinants of mental health disparities in LGBT populations: implications for public policy. *Social Issues and Policy Review*, 4 (1) , 31–62. <https://doi.org/10.1111/j.1751-2409.2010.01017.x>
- Higa, D., Hoppe, M.J., Lindhorst, T., Mincer, S., Beadnell, B., Morisson, D.M., Wells, E.A., Todd, A., & Mountz. S. (2014). Negative and positive factors associated with the well-being of lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, and questioning (LGBTQ) youth. *Youth & Society*, 46 (5), 663–687. <https://doi.org/10.1177/0044118X12449630>
- Hughto , JMW, Reisner, SL, & Pachankis , JE (2015). Transgender stigma and health: A critical review of stigma determinants, mechanisms, and interventions. *Social science & medicine*, 147 , 222-231. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.11.010>
- Hunt, M. G., Marx, R., Lipson, C., & Young, J. (2018). No more FOMO: Limiting social media decreases loneliness and depression. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 37 (10), 751-768. <https://doi.org/10.1521/jscp.2018.37.10.751>
- Kertzner , RM, Meyer, IH, Frost, DM, & Stirratt, MJ (2009). Social and psychological well-being in lesbians, gay men, and bisexuals: The effects of race, gender, age, and sexual identity. *American Journal of Orthopsychiatry*, 79 (4), 500-510. <https://doi.org/10.1037/a0016848>
- Kulkin , H. S. (2006). Factors enhancing adaptive coping and mental health in lesbian youth. *Journal of Homosexuality*, 50 (4), 97-111. https://doi.org/10.1300/J082v50n04_05
- Kline, N. (2020). Rethinking Covid-19 vulnerability: A call for LGTBQ+ im /migrant health equity in the United States during and after a pandemic. *Health Equity* , 4 (1), 1-4. <https://doi.org/10.1089/heq.2020.0012>
- Lima, MDA, Souza, MDA, & Dantas, MF (2016). Challenges to guaranteeing the rights of the LGBT population in the Unified Health System (SUS). *Interfaces Journal: Health, Humanities and Technology*, 3 (11), 119-124 . <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/315>
- MatchGroup. (2020, November 4). *Match Group reports first quarter 2020 results* . <https://ir.mtch.com/news-and-events/press-releases/default.aspx>
- Ministry of Health. (2020a, March 13). *Health regulates isolation and quarantine conditions* . <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/marco/saude-regulamenta-condicoes-de-isolation-and-quarantine>.
- Ministry of Health (2020b). *Dashboard of coronavirus disease 2019 (COVID-19) cases in Brazil by the Ministry of Health* . <https://covid.saude.gov.br/>
- McConnell, E. A., Birkett, M., Mustanski , B. (2015). Typologies of social support and associations with mental health outcomes among LGBT youth. *LGBT Health*, 2 (1) , 55-61. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2014.0051>
- McConnell, E. A., Birkett, M., Mustanski , B. (2016). Families matter: Social support and mental health trajectories among lesbian, gay, bisexual, and transgender youth. *Journal of Adolescent Health*, 59 (6) , 674–80. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.07.026>
- McDonald, K. (2018). Social support and mental health in LGBTQ adolescents: A review of the literature. *Issues in Mental Health Nursing*, 39 (1), 16–29. <https://doi.org/10.1080/01612840.2017.1398283>

- McKay, T., Henne, J., Gonzales, G., Quarles, R., Gavulic, K.A., & Gallegos, S.G. (2021). Sexual behavior changes among gay and bisexual men during the first COVID-19 pandemic wave in the United States. *Sexuality Research and Social Policy*, 20, 438-452. <https://doi.org/10.1007/s13178-021-00625-3>
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129 (5), 674–697. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Pereira, H., & Leal, IP (2005). (Homo)sexual identity and its determinants: Implications for health. *Análise Psicológica*, 23 (3), 315-322. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0870-82312005000300010&script=sci_arttext&tlng=en
- Pereira, MD, Oliveira, LC de, Costa, CFT, Bezerra, CMO, Pereira, MD, Santos, CKA, & Dantas, EHM (2020). The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: An integrative review. *Research, Society and Development*, 9 (7), 1-35. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4548>
- Perucchi, J., Brandão, BC, & Vieira, HIDS (2014). Psychosocial aspects of intrafamilial homophobia and the health of young lesbians and gays. *Psychology Studies*, 19 (1), 67-76. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>
- Puckett, JA, Levitt, HM, Horne, SG, & Hayes-Skelton, SA (2015). Internalized heterosexism and psychological distress: The mediating roles of self-criticism and community connectedness. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2 (4), 426-435. <https://doi.org/10.1037/sgd0000123>
- Puckett, JA, Woodward, EN, Mereish, EH, & Pantalone, DW (2015). Parental rejection following sexual orientation disclosure: Impact on internalized homophobia, social support, and mental health. *LGBT Health*, 2 (3), 265-269. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2013.0024>
- Ramos, MDM, Costa, AB, & Cerqueira-Santos, E. (2020). Effeminacy and anti-effeminacy: Interactions with internalized homophobia, outness, and masculinity. *Trends in Psychology*, 28 (3) 1-16. <https://doi.org/10.1007/s43076-020-00025-3>
- Read, J. N., & Gorman B. K. (2010). Gender and health inequality. *Annual Review of Sociology*, 36, 371–86. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102535>
- Rosario, M., Schrimshaw, E. W., & Hunter, J. (2011). Homelessness among lesbian, gay, and bisexual youth: Implications for subsequent internalizing and externalizing symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, 41 (5), 544–560. <https://doi.org/10.1007/s10964-011-9681-3>
- Salerno, J.P., Williams, N.D., & Gattamorta, K.A. (2020). LGBTQ populations: Psychologically vulnerable communities in the COVID-19 pandemic. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 12 (1), 239-242. <https://doi.org/10.1037/tra0000837>
- Silva, BB, & Cerqueira-Santos, E. (2018). Social support in the self-esteem and social identity of Brazilian trans people. *Psico*, 49 (4), 422-432. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.4.30029>
- Souza, AF, Oliveira, LB, Schneider, G., Queiroz, AAFL, Carvalho, HEF, Araujo, TME A, Camargo, ELS, Araújo, TE, Brignol, S., Mendes, IAC, McFarland, W., & Fronteira, I. (2021). Casual sex among MSM during the period of social isolation in the COVID-19 pandemic: Nationwide study in Brazil and Portugal. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18 (6), 1-11. <https://doi.org/10.1101/2020.06.07.20113142>
- Taylor, S.H., Hutson, J.A., & Alicea, T.R. (2017). Social consequences of Grindr use. *Proceedings of the 2017 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems - CHI'17, USA, 17*, 6645-6657. <https://doi.org/10.1145/3025453.3025775>
- Timmermans, E., & Courtois, C. (2018). From swiping to casual sex and/or committed relationships: Exploring the experiences of Tinder users. *The Information Society*, 34 (2), 59–70. <https://doi.org/10.1080/01972243.2017.1414093>
- Toledo, LG, & Teixeira Filho, FS (2013). Familial homophobia: Opening the closet ‘between four walls’. *Brazilian Archives of Psychology*, 65 (3), 376-391. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005

- Van De Wiele , C., & Tong , S. T. (2014). Breaking boundaries: The uses & gratifications of Grindr. *Proceedings of the 2014 ACM International Joint Conference on Pervasive and Ubiquitous Computing, USA, 14*, 619–630. <https://doi.org/10.1145/2632048.2636070>
- Wang, C., Pan, R., Wan , X., Tan, Y., Xu , L., Ho, C. S., & Ho, R. C. (2020). Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. *International journal of environmental research and public health*, *17* (5), 1-25. <https://doi.org/10.3390/ijerph17051729>
- Watson, R. J., Grossman, A. H., & Russell, S. T. (2016). Sources of social support and mental health among LGB youth. *Youth & Society*, *51* (1). <https://doi.org/10.1177/0044118X16660110>
- Zervoulis , K., Smith, D. S., Reed R., & Dinos, S. (2019). Use of ‘gay dating apps’ and its relationship with individual well-being and sense of community in men who have sex with men. *Psychology & Sexuality*, *11* (1-2), 88-102. <https://doi.org/10.1080/19419899.2019.1684354>

Agradecimentos

Este trabalho foi possível graças à concessão de bolsa pela CAPES. Agradecemos aos participantes que doaram o seu tempo para responder ao questionário e ao Dr. Jorge Gato (Universidade do Porto) por suas contribuições.

Como Citar:

Ramos, M. M., Cerqueira-Santos, E., Machado, R. O., & Passos, G. F. (2024). Covid-19 e jovens LGBT+: Isolamento social e uso de aplicativos de encontros. *Revista Subjetividades*, *24*(1), e13543. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i1.e13543>

Endereço para correspondência

Mozer de Miranda Ramos
E-mail: mozeramos@gmail.com

Elder Cerqueira-Santos
E-mail: eldercerqueira@gmail.com

Rodrigo de Oliveira Machado
E-mail: rodrigomachado.psicologia@gmail.com

Gustavo Figueiredo Passos
E-mail: gfigueiredo300@gmail.com



Recebido: 22/02/2022

Revisado: 28/05/2023

Aceito: 17/06/2023

Publicado: 14/03/2024